



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

ANA PAULA DA SILVA FERNANDES

**O SILÊNCIO QUE CALA E FALA DE TUDO: UMA BREVE ANÁLISE DO CONTO
O SILÊNCIO DOS AMANTES, DE LYA LUFT**

**GUARABIRA
2017**

ANA PAULA DA SILVA FERNANDES

**O SILÊNCIO QUE CALA E FALA DE TUDO: UMA BREVE ANÁLISE DO CONTO
O SILÊNCIO DOS AMANTES, DE LYA LUFT**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.
Área de concentração: Literatura, gênero e imaginário.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2017**

F363b Fernandes, Ana Paula da Silva.
o silêncio que cala e fala de tudo [manuscrito] : Uma breve
análise do conto o silêncio dos amantes, de Lya Luft / Ana
Paula da Silva Fernandes. - 2017
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz,
Departamento de Letras - CH."

1. Silêncio. 2. Discurso. 3. Narrativa Luftiana.

21. ed. CDD B869.3

ANA PAULA DA SILVA FERNANDES

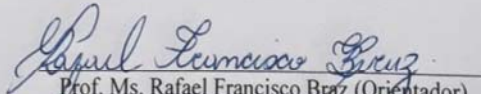
O SILÊNCIO QUE CALA E FALA DE TUDO: UMA BREVE ANÁLISE DO
CONTO *O SILÊNCIO DOS AMANTES*, DE LYA LUFT

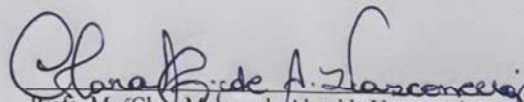
Artigo, apresentada ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

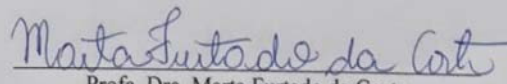
Área de concentração: Literatura, Gênero e Imaginário

Aprovada em: 04 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms/Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Marta Furtado da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu marido, por estar sempre ao meu lado, sendo compreensivo com nossa vida de cônjuge, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de todo curso foram muitos os empecilhos, dificuldades de aperfeiçoamento ao curso, no entanto, foi proveitoso para meu aprendizado, não podendo deixar de agradecer, primeiramente a Deus, pelo dom da vida;

À minha família, que é a base de minha formação educacional e como ser humano;

Já em relação à dedicação aos estudos, a meu irmão João Paulo Fernandes, por sempre me incentivar, me orientando que estudar é a maior riqueza que um ser humano pode adquirir; ensinou-me como ser educada e como ser um ser humano empático.

À minha colega de sala Vera Lúcia, que foi suporte e, juntas somos mais fortes.

“Sua melancolia, que por vezes me impaciente, na verdade não o distancia de mim, como não nos separam seus silêncios.”

Lya Luft

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	2 O DISCURSO QUE CALA?	11
3	DA FALA, DO SILÊNCIO E DA DOR EM LYA LUFT	14
4	CONCLUSÃO	17
	REFERÊNCIAS	19

O SILÊNCIO QUE CALA E FALA DE TUDO: UMA BREVE ANÁLISE DO CONTO *O SILÊNCIO DOS AMANTES*, DE LYA LUFT

Ana Paula da Silva Fernandes*

RESUMO

Neste trabalho objetivamos explicar o quanto a produção literária de Lya Luft foi e estar sendo fundamental para estabelecer uma nova visão acerca da sua luta contra os estereótipos sociais, através da narradora feminina do conto *O Silêncio dos Amantes*. A autora tratou, significativamente, do subconsciente que rodeia o discurso psicológico dos seres humanos através de sua ficção poética, aspecto que será articulado com os fundamentos teóricos de Orlandi (2007), Foucault (2005), Gancho (2006), Candido (2004), Goltlib (2006), entre outros que estabelecem significados na compreensão da narrativa luftiana. Nessa perspectiva, segue-se, metodologicamente, a análise da obra em que o silêncio se constrói enquanto metáfora de vozes que reconstróem sujeitos no plano da ficção. A análise mostra que os motivos que silenciam os sentimentos, e como esses sentimentos podem ser despertados diante dos interditos; como um olhar, um toque ou um “nada” respondem às angústias, à melancolia e, transformam-se em figuras que metaforizam o amor, a exemplo do processo de transformação que ocorre com os personagens de Lya Luft.

Palavras-chave: Silêncio. Narrativa luftiana. Discurso.

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas em Literatura vêm aos longos dos anos ganhando um espaço cada vez mais relevante na academia, principalmente, quando a obra literária busca recolocar vozes que foram ao longa de nossa história silenciadas pelo tempo e pelo espaço, assim, o discurso no plano do literário pode ser visto como um texto organizado que é utilizado na compreensão de um determinado assunto e que transmite através de um imaginário poético recria a realidade e tentar alcançar a imaginação dos seus leitores.

Compreender o discurso no conto *O Silêncio dos Amantes*, de Lya Luft é objetivo principal de nossa investigação, no qual o papel do silêncio se materializa pelas metáforas que são oferecidas ao leitor pela voz da narradora, seguida por uma estrutura de críticas e, ao mesmo tempo, ficcional representando um cotidiano real.

* Aluna de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: paulinhaf726@gmail.com

Deste modo, o silêncio se constitui enquanto tema e será identificado pelos personagens de ficção criados pela autora gaúcha Lya Luft. O *corpus* de nosso trabalho que centra-se nas personagens têm suas histórias narradas por personagens ficcionais, com suas vidas marcadas por situações dramáticas e, ao mesmo tempo, frustrantes, os quais o leitor se encontra através das entrelinhas existentes na obra, fazendo com que os seres humanos reflitam sobre as situações que rodeiam suas vidas.

Nos escritos da autora há, predominantemente, um espaço marcado por vozes femininas, as quais se apresentam e se caracterizam pela temática de seus textos que, muitas das vezes, narram a condição do sujeito feminino que busca recoloca-se numa sociedade patriarcal. Nessa linha de pensamento, é que podemos dar “voz” à narradora do conto *O Silêncio dos Amantes* de Lya Luft, pois a mesma tem sua história de vida marcada por traição, abandono e tragédias.

A pesquisa elucidada o discurso do silêncio no conto *O Silêncio dos Amantes* o ponto de vista posto no enredo pelos personagens, os quais enfatizam o silêncio, não apenas como um ato do calar, mais precisamente e, particularmente, do sentimento de encontrar o amor e a felicidade, que faz do silêncio uma metáfora para compreender a vida.

Nessa concepção, abordamos a pesquisa em questão, com o propósito de integrar os sujeitos ficcionais como representação de um discurso que inova e desconstrói estereótipos acerca da figura feminina, sejam em sua autoria ou em vozes ficcionalizadas, aspectos que verticalizam a crítica feminista, que tem origem a partir do impulso de quebra de elo com as tradições literárias dos posicionamentos masculinos.

Para efeito metodológico, a análise se procede pela aproximação teórico-reflexiva da obra luftiana em diálogo com a Análise de Discurso de linha francesa, a fim de compreendermos não somente o silêncio, mas como se materializam os (inter)ditos através das vozes e não vozes dos personagens.

Nessa perspectiva, o presente trabalho se organiza após sua introdução, em tópicos que gerenciam a teoria sobre o discurso e personagem, bem como suas presenças no contexto da Literatura Brasileira Contemporânea; após essa primeira explanação, a análise aparece como o cerne do trabalho, uma vez que mostra o silêncio enquanto tema vinculado diretamente à narradora, redimensionando a mulher na sociedade e na ficção.

2 O DISCURSO QUE CALA?

Como ponto de partida iremos analisar o Discurso, o qual tem o papel fundante para expressividade de pensamentos de forma explícita e implícita, de origem palpável como código e imagem. Tem sua composição organizada ordenada de uma representação mental e, também, através dos signos.

O discurso designa, em geral, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, as regras de funcionamentos comuns. Essas regras não são somente linguísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinados. (FOUCAULT, 2005, p., 37).

O Discurso tem sua particularidade em apresentar tanto o escrito quanto o pronunciado que expõe um pensamento em conjunto de ideias em comum partilhado de um determinado grupo. Para aprimorar o que foi dito, Foucault (1996, p.9) que “O discurso ele deve ser controlado, selecionado, organizado, e redistribuído por procedimentos e quem o poder de conjurar seus poderes e perigos”.

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta o desejo e libera de poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-lo. (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Discursar a respeito da temática do silêncio se configura no universo de alta complexidade, e de encantamento através dos sentidos dos seus enunciados, pois o silêncio trás no seu processo histórico uma dimensão de críticas perante a sociedade, que impõe uma ideologia de comunicação a partir da expressividade da fala, apagando culturalmente a liberdade de cada sujeito optar pela não exposição de pensamentos, que retém em seu mundo de contemplação, que perpassa palavras.

No entanto, existem circunstâncias de suma importância que nem sempre são discursadas em linguagens verbais, e sim, através de contemplações que estão inseridas no sentido interior de cada sujeito, como por exemplo: a paisagem, as ondas do mar, pintura, esculturas, o eco da chuva que cai sobre a terra etc... diversas são as formas de vislumbrar o sentido através do não dito.

O silêncio é tão fundamental quanto à fala, ambos têm sua singularidade perante o ambiente sociocultural, portanto há momentos para cada ocasião. É no ato do silêncio que as pessoas absorvam melhor e refletem sobre o que vai ser discursado em público, para não ser proferido palavras banais, na maioria das vezes, o silêncio não é usado intencionalmente para

atingir quem vos fala, e sim, uma opção de não se expor através de diálogos como afirma Eni Orlandi (2007),

O nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio. Há uma ideologia da comunicação, do apagamento do silêncio, muito pronunciada nas sociedades contemporâneas. Isso expressa pela urgência do dizer pela multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano. (ORLANDI, 2007, p. 35).

De acordo com a concepção de Orlandi (2007), observamos que, na contemporaneidade, tem-se adquirido a crítica da sociedade para com o silêncio, independentemente da ideologia de cada pessoa a respeito do dito e o não dito. Em outras palavras, podemos cogitar o silêncio anterior à fala, o ponto fundamental para que induza o subsequente discurso.

As concepções anteriormente consideradas acerca do silêncio, podem ser observadas no conto a ser analisado *O Silêncio dos Amantes*, norteados pelos estudos teórico-críticos que surgem em consonância com as características da Literatura contemporânea brasileira, na qual se insere Lya Luft e as ações encadeadas pelos personagens: a narradora e Valentim. Dessa forma, a afirmação de Brait (2006) reafirma nossa inquietação, quando considera que:

A essa altura dos estudos críticos, o analista deve considerar a longa tradição do Estudo da personagem e, sem superestimar ou minimizar a função desse componente em relação aos outros que dão forma à narrativa, encontrar a sua especificidade na íntima relação existente entre essa e as demais instâncias do discurso literário. (BRAIT, 2006, p., 47).

Diante do exposto pela autora, compreendemos a caracterização dos personagens, bem como sua importância na construção e análise do texto, de modo que a autora insere o personagem como elemento intrínseco à narrativa, daí notar a autonomia e a “vida” desses aspectos na ficção de Luft.

Estes elementos são observados no conto com o efeito de fabulação – como defende Antonio Candido em seu ensaio sobre “O direito à literatura” expõe que é a necessidade de o homem integrar-se pela contação.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, se a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. (CANDIDO, 2004, p. 174).

No conto, a fabulação transcende a necessidade individual e aponta para o coletivo, uma vez que envolve outros sujeitos na trama, ou seja, não teremos somente aquele que conta a história, mas a necessidade de um ouvinte, ou seja, o receptor e/ou leitor. Assim, a narração

torna-se curta, e tem como princípio chamar a atenção do leitor e conduzi-lo a enxergar nos personagens as informações necessárias para estabelecer uma linha tênue entre espaço, evidenciando os seres ficcionais, criados pelos autores, como mecanismos que elucidam o estudo da obra.

Pertinentes à discussão, alguns elementos pertencentes às tendências críticas corroboram para que o leitor enxergue a construção das personagens através das relações de afeto, dos lugares e objetos silenciados no conto. Para Gotlib (2006), o autor pode fazer esse registro quando:

A história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir deste Critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua Transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por Escrito de contos, quando o narrador assumiu essa função: de contador-criador-escritor de contos, afirmando, então, o seu caráter literário. (GOTLIB, 2006, p., 13)

No destaque de Gotlib (2006), observamos que a invenção é destacada como elemento principal na construção da história, passando das ideias ao plano global discursivo, já que é na esfera na narrativa que o registro escrito é transmitido o aspecto que distancia o autor de sua criatura, sem negar os diálogos verossímeis. Ainda sobre o conto, Gotlib (2006), afirma,

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, a realidade e ficção não tem limites precisos. Um relato copia-se; um conto inventa-se, afirma Raúl Castagnino. A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. (GOTLIB, 2006, p., 12).

Dessa forma, Lya Luft (re)cria universos que enfatizam as expressões que estão presentes na vida e no conto, permitindo aos seus leitores aproximações entre o real e o ficcional, aos quais centram no conto as nuances de inventividade que sugerem múltiplas interpretações.

A partir dessas observações percebemos que a autora se utiliza dos personagens para redimensionar questões muitas vezes cristalizadas nas esferas da sociedade, no que diz respeito às vozes excluídas e/ou afetadas pelo discurso não hegemônico, a exemplo da mulher e seus sentimentos silenciados.

Por vários meses pensei que ia morrer de dor, oscilando entre humilhação e ódio. Levei muito tempo para sair à rua, ver amigos, voltar a trabalhar, viajar. Imaginava meu marido chegando em casa, entrando na nossa cama, recém-saído dos braços da outra mulher. Imaginava-o dizendo e fazendo com ela as mesmas coisas que me levavam ao delírio. (LUFT, 2008, p.157).

Dentro desse contexto, a figura feminina tem sua vida segregada por ter uma vida conjugal interrompida por traição, a qual a sociedade julga a mulher a não ter a dignidade do respeito, questionando sua dignidade e respeito, uma vez que não se submete às repetições do

patriarcado. Dessa forma, sua atitude descentraliza não somente a dominação masculina, como também reescreve sua voz para outras mulheres.

3 DA FALA, DO SILÊNCIO E DA DOR EM LYA LUFT

Lya Luft é uma escritora brasileira atuante na literatura contemporânea, que se destaca em produções nos gêneros da poesia, do ensaio, do conto, da literatura infantil, crônicas e romances. É colunista da revista *Veja*, entre outras atividades culturais.

A autora nasceu em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, no dia 15 de setembro de 1938, atualmente com 79 anos de idade. Em 1964 tem seu primeiro livro publicado, sob o título de *Canções de Limiar*, coletânea de poemas; após oito anos lança seu segundo livro de poemas, e somente em 1978 é publicada pela Nova Fronteira, marcando seu início na narrativa com o livro *Matéria do Cotidiano*.

No universo narrativo, obras como *As Parceiras* (1990); *A Asa Esquerda do Anjo* (1981); *Reunião de Família* (1982); *O Quarto Fechado* (1982); *Exílio* (1999); *O Sentinela* (1994); *O ponto Cego* (1999); destacamos a obra *O Silêncio dos Amantes* (2008), objeto de estudo do presente trabalho, que passa a partir de agora ser melhor observado, no que tange a olhares mais atentos e críticos.

O silêncio dos amantes tem sua história narrada por um personagem onisciente, que guarda em sua memória as lembranças marcadas por luto, melancolia e angústia.

Algo se move no jardim em torno da casa. Um anjo prendeu as asas nos galhos baixos; um menino arranhou o joelho num arbusto; pode ser o vento agitando um pano vermelho desbotado, ou o silêncio-que quando demasiado vira lamento. Então me aconcheço mais no corpo dele, e fico obrigada. Esse é o meu lugar no mundo. (LUFT, 2008, p.,153).

Dentro desse universo da narrativa a personagem do conto em questão, guarda em sua memória a melancolia, que a faz refletir sobre o quanto o silêncio pode ser significativo para compreensão do interior de outrem. A voz personifica o silêncio ao expressar “que quando demasiado vira lamento.” (LUFT, 2008, p. 153), não em forma de luta ou resistência, mas como forma de compreensão do outro, por mais que a comunicação se estabeleça pelo silêncio.

O silêncio se materializa pela ressonância da voz feminina, narradora-personagem do conto, antecipando o estado em que se encontra Valentim e estado de lamento. O demasiado silêncio não a incomoda, apesar de enxergar que através dele pode se aproximar de seu amante,

reencontrar-se ao amor e ser cúmplice de sentimentos possíveis que nascem entre olhares e corpos. E por considerar o nascimento como metáfora de renovação, basta observarmos:

Quando não cuida do café com a irmã, ou quando não estamos juntos, cada um lendo em sua poltrona, ou vendo televisão ou ouvindo música sem falar, Valentim fica nesse estúdio onde de suas mãos e sua fantasia nascem figuras singulares. (LUFT, 2008, p.155).

As personagens matem-se numa conexão de respeito com o espaço de individualização de cada um, que buscam no silêncio o refúgio para os problemas que assolam a vida deles. Não somente cúmplices no ato ou efeito de aceitar o silêncio como soluções de seus problemas, mas que funciona como olaria, ou seja, no seu silêncio, Valentim se refaz, isto é, ele molda a fantasia através de figuras, as quais são particularizadas pelo efeito singular, em que sua existência habita a memória e se transforma em objetos, manualmente, coisificados.

Parece-nos que os movimentos e silêncios de Valentim redimensionam o olhar do leitor aos cuidados praticados pelo personagem, de modo estar sempre cuidando de coisas, de pessoas e, muitas vezes, recriando novos seres moldados pela suas mãos, funcionando como uma espécie de redenção.

Talvez leve o resto da vida para recuperar. Sua melancolia, que por vez me impacienta, na verdade não o distancia de mim, como não nos separam seus silêncios. É difícil, porque não vejo ou não me importo quando ele se fecha mais, mas vou aprendendo que é apenas natural, e percebo que está cada vez um pouco melhor. (LUFT, 2008, p.157).

Consequentemente, nem o que há de mais triste faz da personagem um ser incapaz de lutar por um amor inexorável, que ela acreditava ser seu porto seguro, acreditando e perseverando na esperança que o amor supera o silêncio existente na união deles. Aqui temos mais uma vez aspectos que auxiliam o leitor a compreender o lamento de Valentim, que se estende pela demasia e alcança à melancolia; não mais como seu estado de espírito, mas como natureza de ser e estar no mundo.

A melancolia é inerente a Valentim, e aos olhos de sua amante, naturaliza-se em suas ações, apesar de lhe tirar a paciência, contenta-se pelo fato de não distanciar-se dela. A melancolia e o silêncio são particulares a Valentim, mas que acabam unindo-o cada vez mais à sua amante, e tal situação equaciona àquilo que enxergamos enquanto perdas e ganhos.

Acho que Valentim sabe dessas aparições, sabe que as vejo, fica agradecido porque não comento nada. Quando ele está mais triste, até sombrio, pergunto o que tem, e ele responde: “nada”. Sorri meio distante. (LUFT, 2008, p.159)

Diante da presença do luto que atormenta a vida de Valentim, sua esposa tem o posicionamento de sabedoria diante das lembranças melancólicas de seu esposo, conquistando a confiança de cônjuge. Temos, então, a cumplicidade entre os amantes, ao se compreenderem nos silêncios, na tristeza, na sombra das lembranças e nas distâncias dos pensamentos, em que o “nada” grita aos apagamentos que a memória de Valentim insiste em manter viva.

Mesmo se ela desaparecer por completo nunca vou indagar Valentim se ela o visitava no atelier. Não preciso saber. Entre todos os amantes há zonas de segredos necessário, que também podem unir. Invalidas, talvez provocasse inúteis sofrimentos. Leva tempo aceitar isso sem magoas. (LUFT, 2008, p., 159)

Existe entre todos os relacionamentos o dado de cumplicidade, sejam casais que se amam, amizades verdadeiras, os segredos e mistérios que guardam lembranças que ferem o interior de ambos, mesmo cada um com seus pensamentos reclusos, não os fazem menos apaixonados e dedicados um pelo outro. Pela memória revelam-se lembranças, as quais se juntam aos dizeres ou aos interditos, muitas vezes complementando as lacunas por olhares que condensam as (in)completudes da alma.

Acordo com Valentim a meu lado. Passo de leve a mão em seu rosto adormecido, acompanho com o dedo o contorno de sua boca, beijo seu ombro e aconchego mais nele: aqui é meu lugar no mundo. E dele também. Do nosso jeito, estamos construindo-mas uma- vez a vida. A dor faz parte. (LUFT, 2008, p. 159).

O amor e o silêncio são postos na narrativa de Lya Luft, com intuito de mostrar um amor que supera as angústias, que cresce a cada dificuldade encontrada, no entanto usa o silêncio como escudo para superar todas as outras adversidades, uma vez que o amor se molda enquanto sentimento que reconstrói, edifica e compreende, mesmo que não seja verbalizado.

O silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem e significa de outras e muitas maneiras. Essa mediação é mais um dos elementos que desvelam a ilusão referencial: O silêncio não é transparente e ele atua na passagem(des-vão) entre pensamento-palavra-e-coisa. Também aqui se verifica que não há uma relação termo a termo entre esses domínios.(ORLANDI, 2007, p.37).

Seguindo o ponto de vista de Orlandi (2007), o silêncio se intensifica por estar em contrapartida entre o observável através do pensamento e a linguagem, mantendo-se uma relação de parceria do que se configura no silenciamento e a verbalização. Tais questões aproximam o que entendemos enquanto equação entre as formas de dizer e/ou sentir, já que os personagens no conto representam o silêncio.

É através do silêncio que os personagens envolvidos no enredo se completam e mantem uma relação de afetividade, encontram-se no interdito e se moldam na figurativização do amor, muitas vezes percebidas pelo movimento das mãos, dos olhares, além das vozes não silenciadas da narradora. A figura da mulher no conto *O silêncio dos Amantes* é o cerne da narrativa, pois estabelece o elo entre os silêncios de Valentim e a busca de si nos braços do outro, mesclando-se nos interditos e na compreensão do sentimento que nasce entre eles.

Nessa linha de pensamento, temos o silêncio como ponto principal da narração, uma vez que tematiza e se constrói enquanto personagem que se molda aos novos sentimentos nascidos pela cumplicidade, e que participa de forma clara e direta com o amante, tendo uma posição de companheirismo e permanência, assimilando pelo viés da normalidade o momento de quietude de seu amado.

O conto *O Silêncio dos Amantes*, de Lya Luft, é uma narrativa de ficção que mescla elementos da realidade, mas não deve ser confundido, uma vez que se constrói com elementos fictícios que representam pessoas e seus sentimentos. Tem sua história narrada por uma voz feminina que busca nas suas frustrações de traição, o equilíbrio para seguir uma vida “normal”.

A narradora, que também é personagem não nomeada, após conhecer o personagem Valentim passa a ter esperança no amor, mas mal sabe ela que o mesmo também fora traído; não por uma pessoa, e sim, por uma fatalidade do destino: que seria a morte de sua mulher e do filho ainda no ventre por um latrocínio, com quem fora casado durante muitos anos.

Consequentemente, a vida de Valentim passa a ter outro sentido, vira um ser autodestrutivo e silencioso, mas depois que conhece uma nova mulher tem sua vida renovada a partir dos sentimentos que ela nutre por ele, uma mulher que assiste todo processo de sofrimento e silenciamento de seu amor, mantendo um posicionamento de mulher compreensiva, no momento que ela se recusa saber o porquê daquele silêncio que o faz um homem melancólico e distante, ela também silencia para entender e viver o “amor”.

4 CONCLUSÃO

Neste artigo foi desenvolvida a análise do discurso do silêncio, visando sua importância no plano da ficção e seu diálogo perante a sociedade, moldando-se pelos personagens de ficção que integram o conto *O Silêncio dos Amantes* da autora gaúcha Lya Luft.

O conto *O Silêncio dos Amantes* foi escrito no contexto da Literatura Brasileira Contemporânea, com o intuito de abordar o amor e o silêncio dos personagens Valentim e a narradora personagem enfatizando importância do silêncio que norteia sua vida amorosa,

mostrando qual o papel de cada personagem na temática explanada na pesquisa, visto que o silêncio presente na obra faz dos personagens figuras representativas para o leitor compreender os sentimentos humanos.

Olhar o silêncio em recorte limita o leitor e a fruição do texto literário, aspecto que pode ser transgredido diante do texto luftiano, já que metaforizam a existência de sujeitos fictícios, aproximando fantasia e realidade. Não buscamos, pois, mostrar verdades pela literatura, mas como essa verdade se constrói no conto de Luft, estabelecendo diálogos para compreendermos vozes silenciadas e silêncios que gritam liberdade.

Inquietou-nos compreender os motivos que silenciam os sentimentos, e como esses sentimentos podem ser despertados diante dos interditos; como um olhar, um toque ou um “nada” respondem às angústias, à melancolia e, transformam-se em figuras que metaforizam o amor, a exemplo do processo de transformação que ocorre com os personagens de Lya Luft.

Pensar o discurso do silêncio é, também, buscar como esse silêncio se estabelece a partir das categorias narrativas, ou seja, dos personagens, narradores, enredo, entre outras, as quais permitem compreendermos a plurissignificação, seja por um silêncio que fala ou uma voz que silencia.

Diante de silêncios que falam e vozes silenciadas, buscamos nos fragmentos dos personagens elementos que evidenciem as inquietudes inerentes à narrativa, bem como suas ressonâncias nos leitores. Acreditamos ter contribuído, mesmo que minimamente, com o processo de investigação acadêmica no que toca aos estudos literários, de promover reflexões que aproximam a obra, o autor e os sujeitos.

RESUMEN

En este trabajo pretendemos explicar cuánto la producción literaria de Lya Luft fue y estar siendo fundamental para establecer una nueva visión acerca de su lucha contra los estereotipos sociales, a través de la narradora femenina del cuento El Silencio de los Amantes. La autora trató, significativamente, del subconsciente que rodea el discurso psicológico de los seres humanos a través de su ficción poética, aspecto que será articulado con los fundamentos teóricos de Orlandi (2007), Foucault (2005), Gancho (2006), Candido (2004), Goltlib (2006), entre otros que establecen significados en la comprensión de la narrativa luftiana. En esa perspectiva, se sigue, metodológicamente, el análisis de la obra en que el silencio se construye como metáfora de voces que reconstruyen sujetos en el plano de la ficción. El análisis muestra que los motivos que silencian los sentimientos, y cómo esos sentimientos pueden ser despertados ante los interdictos; como una mirada, un toque o un "nada" responden a las angustias, a la melancolía y, se transforman en figuras que metaforizan el amor, a ejemplo del proceso de transformación que ocurre con los personajes de Lya Luft.

Palabras clave: Silencio. Narrativa luftiana. Discurso.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CANDIDO, Antonio. [et al]. **A personagem de Ficção**. 10ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: __ **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo-Editora Loyola, 1996.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GOLTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 11ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LUFT, Lya. **O silêncio dos amantes**. Nova Fronteira, 2008.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas Narrativas**. 5ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas: Unicamp, 2007.